

Neo faz 6 anos e entra no setor de fundos de ações

Por Angelo Pavini, de São Paulo

Anna Carolina Negri / Valor



Os sócios Henrique Alvares, Augusto Lange, Wagner Murgel, Adauto Martins e Mario Schalch: estreia em ações

A Neo Investimentos, empresa independente de gestão de recursos, completa seis anos ampliando as opções para os investidores e reforçando o foco no Brasil. Aproveitando a queda nos juros, que deve levar a uma maior diversificação de carteiras, a gestora, conhecida por multimercados e long/short, está criando dois fundos de ações.

A Neo está também preparando um fundo de private equity mezanino para os investimentos de longo prazo em empresas médias. É uma aposta no Brasil, diz Adauto Martins, sócio da gestora que, em janeiro, encerrou seu fundo offshore. "As oportunidades no mercado de gestão estão aqui, não faz sentido todo um esforço lá fora", explica. Ele admite que a recuperação rápida da bolsa deve ser vista com cautela. "Mas o cenário de longo prazo para o Brasil é muito positivo", diz.

Formada pela equipe de asset management do antigo Banco Patrimônio, a Neo faz questão de destacar a convivência de 15 anos dos oito sócios e a preocupação com a infraestrutura de serviços e com os processos de gestão. Isso ajudou a minimizar o impacto da crise, que reduziu drasticamente o patrimônio dos fundos multimercados no ano passado. A Neo perdeu R\$ 400 milhões, mas conserva ainda um razoável patrimônio sob gestão, de R\$ 650 milhões nas carteiras multimercados e de private equity. "Perdemos quase 40% do patrimônio apesar da rentabilidade do Neo Multiestratégia ter se mantido acima do CDI em 2008", lembra o sócio Henrique Teixeira Alvares.

Ele considera os saques um processo irracional iniciado com as perdas de alguns gestores e amplificado pela alta dos juros dos CDBs. "Era um negócio maravilhoso na época, CDB de banco de primeira linha pagando 105% do CDI", diz Martins. "Hoje, depois de o juro cair cinco pontos percentuais, já não sei se o investidor ainda acha tão bom", diz.

A gestora aproveitou a crise para reforçar sua infraestrutura, montando sistemas automatizados de negociação e preparando uma estrutura de gestão quantitativa, por meio de modelos estatísticos e matemáticos. A ideia é no futuro ter um fundo quantitativo também. No momento, porém, a casa vai se concentrar nos novos fundos de ações.

Martins explica que há uma demanda dos distribuidores, como as áreas de private banking dos bancos e os "family offices", por renda variável. "Todos estão revendo conceitos e suas prateleiras de investimentos diante de um cenário de juros baixos, e com isso se aproximam dos gestores que se saíram bem na crise", diz Martins. "Temos discussões mais estratégicas porque os bancos precisam de fundos que possam receber grandes volumes", acrescenta Alvares.

As duas carteiras - Neo Ações e Neo Praxis - começam a captar hoje com aplicação mínima de R\$ 25 mil, e estarão sob os cuidados de Augusto Lange, responsável por renda variável na gestora.

O Neo Ações será uma carteira tradicional, totalmente exposta ao mercado e com gestão ativa, buscando superar em 5% o Ibovespa. Sua taxa de administração será de 2% ao ano mais uma taxa de performance de 20% sobre o rendimento que superar o Ibovespa. Ele poderá ficar vendido em até 30%, para ajustar suas

estratégias. "É um fundo chamado lá fora de 130-30, que fica até 130% comprado e 30% vendido", explicar Martins.

Já o fundo Praxis se destina a aplicadores qualificados (com mais de R\$ 300 mil para investir) e poderá proteger toda a carteira no mercado futuro. Poderá portanto "sair" do mercado de ações se o cenário for ruim. "Esse é o papel de um fundo hedge clássico no exterior, um mandato de gestão mais sofisticado", afirma Martins. O Praxis cobrará 2% de taxa de administração e mais 20% do que exceder IPCA mais 6% ao ano.

A escolha das empresas que formarão as carteiras dos fundos, todas do Ibovespa, terá como base a análise macroeconômica, explica Lange. "Desenvolvemos um método nos últimos dois anos que avalia a influência do cenário macro no comportamento dos setores", diz. Depois, as melhores empresas de cada setor serão selecionadas por seus fundamentos. E, por fim, a hora de comprar será definida pela análise técnica. "Não deixamos de ser fundamentalistas, mas achamos que os preços e volumes trazem informações importantes na hora da decisão de compra ou venda de um papel", diz.